

MEMÓRIAS DE UM CRIME:

ASSASSINATO E DEVOÇÃO

AO DR. OLAVO CARDOSO EM CRATEÚS, CEARÁ

Dra. Michelle Ferreira Maia

Prof^ª. Dos Cursos de Arquitetura e Urbanismo, Direito do Centro Universitário INTA –
UNINTA.

E-mail: michelle.maia@uninta.edu.br

As muitas informações coletadas nos jornais de circulação em Fortaleza, no ano de 1969, assim como as entrevistas realizadas em Crateús – todas analisadas em profundidade – apontaram-nos uma sequência de fatos que colaboraram para que o assassinato do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso se tornasse excepcional e tivesse desdobramentos incomuns a outros já ocorridos na cidade de Crateús.

Assim, tentamos responder às seguintes questões: O que torna a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso singular para seus contemporâneos? Quem são os construtores da santidade do médico? Quando e como ocorre a devoção e em quais espaços?

A primeira hipótese baseia-se na comoção intensa que a morte dele causou ao povo de Crateús, por ter sido considerada prematura e, ao mesmo tempo, um ato de covardia dadas as circunstâncias em que ocorreu. A desigualdade na luta foi percebida e utilizada pela população para dimensionar a covardia do ato, uma vez que o médico lutou sozinho contra três agricultores, somada à crueldade – considerando-se o número de facadas (cinco perfurações) desferidas em seu corpo – e também ao impacto das últimas palavras proferidas por ele.

No conflito que culminou na morte do Dr. Olavo Cardoso, consideramos o conceito de propriedade privada, defendido pelos jornais e pelos entrevistados em suas narrativas orais, de modo que pudéssemos analisar os sentidos acerca da posse da terra e da relação entre patrão e empregado vivenciada pelo médico e seu vaqueiro.

Os relatos sobre o atendimento médico prestado aos pobres de Crateús, em domicílio, nos hospitais e até mesmo nas ruas, pelo Dr. Olavo Cavalcante Cardoso – que exerceu sua profissão de forma ímpar, em meio à precariedade e à desigualdade social

entre os ricos e pobres daquela sociedade no ano de 1969 – contribuíram para a crença em sua santidade.

Como segunda hipótese, acreditamos que a ampla cobertura jornalística como também a participação e mobilização da família após o crime particularizam a origem da devoção. Desse modo, os jornais e a família do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso construíram os vestígios para que sua santidade fosse fabricada. Os jornais incentivaram a piedade e o clamor popular e família, por sua vez, objetivando protegê-lo do esquecimento, utilizaram-se de diversos veículos impressos e orais, dentre outros, para propagarem uma memória pública sobre o sofrimento da vítima. A cobertura especial do assassinato devia-se à importância da vítima como figura pública em Crateús, onde, além de exercer a medicina, havia sido prefeito.

Tais ações que influenciaram sobre a memória do passado (GINZBURG, 2001, p. 216) revelam como um fato pode ser manipulado para favorecer interesses particulares. A primeira impressão e a versão oficial construída sobre o fato foi a que ficou gravada na memória dos contemporâneos do falecido. (VALENSI, 1994, p. 43) Neste ponto, explicitamos a nossa compreensão acerca de memória como processo permanente de construção e reconstrução do passado, como elaboração que se dá no presente respondendo a questões instigadas pelo presente. (MENESES, 1992, p.10-11).

Percebemos, em dois momentos, o empenho da família na construção da devoção. Primeiro, quando, após a morte, mandou erigir um cruzeiro de madeira – monumento (LE GOFF, 2003, p. 525) que alude ao passado e marca o lugar onde o médico morreu –, espaço que construiu “[...] experiências inteligíveis”, “conferindo-lhes significados” que extrapolam o fato de um assassinato. Afinal, o monumento era público, mas as memórias que ele recebeu e receberia ao longo de sua criação seriam também individuais. (MENESES, São Paulo, 2007, p.29).

De fato, intencionava-se trazer o passado dos fatos até o presente, recriando-o, conduzindo-o ao futuro, possibilitando-nos, por exemplo, perceber ‘o passado diante de nós’. (AMADO, 1995, p. 131-132). Essa foi a origem do monumento configurado em

ambiente devocional, a ser utilizado pelos devotos do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso para pedidos de graças e pagamentos de promessas.

A segunda participação da família se deu com a distribuição de uma fotografia do médico (uma espécie de “santinho”, imagem utilizada em promessas e também para agradecimentos), o que cooperou para a divulgação dos primeiros milagres e para elevação da imagem do familiar morto à santidade.

Crateús aceitou o santo fabricado pelos jornais e pela família do médico e, a partir de 1969, o escolheu para render suas homenagens. Foi abolida da escrita dos jornais e das narrativas sobre o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso a complexidade dos atos humanos. Foi-lhe dedicada a simplicidade das essências, suprimida qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato. Foi organizado um mundo sem contradições, que criou uma clareza feliz em torno de sua imagem de médico, de homem e de ex-prefeito: sua santidade popular parecia significar por ela própria, como se o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso tivesse nascido para morrer santo. (BARTHES, 1982, p. 163-164)

A fabricação de sua santidade em Crateús afastou-se da imprevisibilidade que originaram os cultos ao João das Pedras e Isabel Maria da Conceição também estudada nesta pesquisa, em outros capítulos. Mesmo reconhecendo que a devoção foi impulsionada e intencionada, a consagração do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso como santo popular pertence aos ares do sagrado, quando a fé de seus devotos, movida por critérios individuais, o colocaram além da razão, atribuindo-lhe um caráter específico: ele é o milagreiro que os socorre em suas aflições. (CAILLOS, p. 20)

Começamos pelos fragmentos da vida do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso que foram recordados pelo jornal *Gazeta do Centro-Oeste* em sua edição de nº 285, de 2009. Os leitores são advertidos de que “Crateús: [está a] 40 anos sem Olavo Cardoso” (*Vide Anexo 1*). A publicação é de setembro, mês de aniversário de morte do médico.

Todo ano, nesse período, há uma edição que tem por objetivo lembrar a trajetória do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso, um lembrete para os contemporâneos da época e uma apresentação para os que desconhecem os fatos que cercaram a sua morte.

O passado é retomado, recriado e reatualizado. Há, portanto, no presente, o controle das memórias do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. (BRESCIANI, 2004. p.42-45)

Está registrada em jornal que Olavo Cavalcante Cardoso, filho de Miguel de Araújo Cardoso e Maria de Lurdes Cavalcante Cardoso, nasceu no dia 15 de agosto de 1925, em Crateús. Do nascimento e da origem familiar, segue a informação de sua formação profissional: “[...] formado pela Faculdade Fluminense de Medicina (Niterói) em 1952, ano em que começou a clinicar em Crateús [...]”¹, aos 27 anos de idade, e portando seu CRM-CE 351 começava a trabalhar tanto no hospital público quanto no privado. Casou-se com “Idelzuíte Ximenes Cavalcante, com quem teve duas filhas: Márcia e Sásquia, e três filhos: Olavo Júnior, Miguel Neto e José Neto”.²

No ano de 1969, o jornal *A Gazeta de Notícias* de Fortaleza, por sua vez, noticiava que o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso era “[...] médico do 4º Batalhão de Engenharia e Construção e diretor de uma Policlínica [...]”³, contabilizando 17 anos do exercício da medicina. O médico é apresentado pelo jornal a *Tribuna* como uma “[...] pessoa bastante querida e bem relacionada naquele município”.⁴ Do presente para o passado, a imagem apresentada pelos jornais é a de um pai, esposo e homem íntegro dedicado à profissão.

Nas entrevistas realizadas em Crateús, foi descrito que a atenção do médico no atendimento aos pobres era a sua principal característica, condição que o diferenciava dos demais médicos da cidade. Além de clinicar nos hospitais, ele acorria aos chamados de socorro vindos das casas dos amigos e até dos desconhecidos, segundo nos relatou em entrevista a senhora Maria do Socorro Monte Barbosa: “Meus sobrinhos, minha irmã [...]”

¹ “Crateús: 40 anos sem Olavo Cardoso”. *Gazeta do Centro-Oeste*. 12 anos. Jornalismo, Ética, Liberdade, Compromisso e Democracia. Ano XIII. Nº 285. Terça-feira, 15 de setembro de 2009, p. 5. Crateús – CE. Autor desconhecido.

² Idem.

³ “Ex-Prefeito Morto a Faca em Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.185. 3 de setembro de 1969, p. 1. Fortaleza-CE. Autor Desconhecido.

⁴ “Assassinado médico e ex-prefeito de Crateús”. *Tribuna*. Ano XII. Nº 1.910. 3 de setembro de 1969, p. 1. Autor desconhecido.

ele vinha consultar na casa dela, [...]era na casa de qualquer um que chamasse. Ele era um médico caridoso, bom mesmo! Ele ia, e era sem ganhar nada”.⁵

É descrito indiretamente o “[...] arquétipo da santidade: o santo, antes de mais nada, é alguém alheio às contingências da vida mundana”.⁶ O que o torna singular e o qualifica de caridoso em Crateús é o ato de não cobrar remuneração aos mais pobres, condição sempre mencionada, como podemos constatar na entrevista do senhor Márcio Campina e de Raimunda Ferreira Maia:

O Dr. Olavo sempre foi tido aqui, em Crateús, [...] uma pessoa muito boa. Era um médico humanitário, [...] atendia as pessoas no consultório, no meio da rua, na casa dele, em todos os lugares. As pessoas que não tinham condição de comprar o remédio [...] ele, além de receitar, ainda dava o medicamento. Era uma pessoa muito querida, iluminada por Deus. Aqui existia só a Policlínica. Ele saía, de madrugada, de casa, pra atender urgência, pra qualquer que fosse a pessoa.⁷

Qualquer pessoa que adoecesse corria logo [...].

Chegava lá e ele perguntava: – Você tem dinheiro?

A pessoa dizia: – Não tenho.

Ele dizia: – É porque se você tivesse dinheiro, eu mandava você procurar um médico particular, mas como você não tem, vambora. Butava a pessoa no carro e levava.⁸

A cidade de Crateús contava com dois únicos hospitais na década de 1960. O primeiro, o Hospital Regional do 4º Batalhão de Engenharia e Construção, que realizava atendimentos gratuitos à população em geral. E a Policlínica de Crateús, de ordem particular, que teve como um dos fundadores e proprietários o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso.

Os casos mais graves eram conduzidos a Santa Casa de Misericórdia, em Sobral ou Fortaleza. Somente em primeiro de novembro de 1979 seria fundado o Hospital São

⁵ BARBOSA, Maria do Socorro Monte. 72 anos, casada, doméstica aposentada, residente na Rua Firmino Rosa, Centro, Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 14 de abril de 2009.

⁶ MILLIET, Maria Alice. *Tiradentes: O corpo do herói*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 160-162.

⁷ CAMPINA, Márcio. 38 anos, radialista, residente na Rua Coronel Jiló, bairro São Vicente, em Crateús, Ceará. Entrevista realizada em sua residência, no dia 7 de setembro de 2009.

⁸ MAIA, Raimunda Ferreira. Dona de casa, casada, 50 anos, residente no bairro do Corrente. Entrevista realizada em sua residência, no dia 03/07/2007.

Lucas pelos médicos Dr. José Fernandes da Silva e pelo Dr. Francisco Sales de Macedo que, de início, funcionava como hospital particular. Na década de 1980 foi denominado como Hospital Geral de Crateús e passou a realizar atendimentos de ordem pública.

As crianças e as mulheres grávidas são as mais descritas nas narrativas sobre as consultas do médico. Esta informação é relevante ao se constatar que são estes pacientes que compõe a grande maioria de seus devotos. Os atendimentos do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso não se restringiam à cidade.

A senhora Maria de Fátima do Carmo Lopes explica que sua mãe foi socorrida pelo médico quando teve complicações no parto. Pelas narrativas, o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso é apontado como o médico das mulheres grávidas e crianças: Minha mãe viveu muitos anos por causa dele, segundo ela, sua mãe:

[...] ia ganhar neném, e o neném tava atravessado [...]. A gente morava na fazenda. Meu pai foi buscar um cavalo e pegou ele em Crateús, à uma hora da manhã. Ele era médico muito bom, dificilmente uma pessoa morria nas mãos dele. Nós ficamos devendo isso a ele. Era [...] caridade demais. Ele não tinha esse negócio [...] se tinha dinheiro, muito bem! Se não tinha dinheiro, não era problema. Não tinha hora pra atender [...] do dia, da noite, com chuva, com sol. No interior, naquele tempo, não passava carro [...] não tinha estrada, era a cavalo. Ele salvou a vida de muitas e muitas mulheres, de muitas, principalmente, de parto.⁹

A vida política do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi interrompida durante o Regime Militar, (GASPARI, 2002) quando foi acusado de “malversação do dinheiro público”. É através da divergência política expressa no jornal que podemos enxergar uma imagem pública do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso extremamente diferente da referente ao médico íntegro que ajudava os pobres.

Segundo Michel de Certeau, a hagiografia é “a rigor um discurso de virtudes”, que veste o santo pelo extraordinário e pelo maravilhoso. (2006. p. 273.) O que podemos caracterizar na hagiografia escrita e falada do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso como

⁹ LOPES, Maria de Fátima do Carmo. 53 anos, professora aposentada, casada, natural de Crateús, residente na Rua Washington, nº 307, bairro Santa Rita, em Crateús. Entrevista realizada no dia 19/07/2008, em Fortaleza, quando de sua visita à casa da filha, Ana Keyla Lopes, residente na Avenida Jovita Feitosa.

extraordinário seriam os atendimentos aos pobres, e o maravilhoso, por sua vez, os atendimentos após a morte, as curas, os milagres.

Compreendemos, ainda, que a memória é, segundo Ulpiano Bezerra de Menezes, um mecanismo de seleção, de descarte, de eliminação. Esquecer, sem dúvida, é condição de vida humana. (2007, p. 23)

Entendemos que o propósito da eliminação e do esquecimento percebido nos relatos da trajetória do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso pauta-se na santidade do médico. Deste modo, as narrações dos fatos priorizaram as consultas, o sofrimento do assassinato e os milagres.

De início, a *Gazeta de Notícias*, que investigava a motivação do assassinato do médico, publicou que estava descartada a relação deste fato com a sua cassação: “Em Fortaleza, seus familiares desmentiram a possibilidade de qualquer motivação política para sua morte porque, desde que teve seu mandato cassado, durante o governo Castelo Branco, o ex-prefeito afastou-se inteiramente da Política”.¹⁰

A partir do dia 3 de setembro de 1969, vários jornais de Fortaleza passaram a fazer, de forma detalhada e constante, a cobertura do crime: os fragmentos da história foram esmiuçados e retrabalhados, e o desenrolar do acontecimento passou a ser tecido pela expectativa das cenas seguintes. Foi o princípio da fabricação da piedade ao morto e da transformação de um fato comum para o incomum. (PESAVENTO, 2008. p. 148)

O jornal *Tribuna do Ceará* publicou na mesma data que a morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso estava relacionada a uma disputa de terras entre ele e os agricultores que residiam nas proximidades de sua Fazenda Xavier, localizada a poucos quilômetros de Crateús. A manchete trazia em destaque o número das facadas deferidas na vítima:

Com Cinco Facadas Assassinado Médico e Ex-Prefeito

Segundo se informa, os agricultores José Cândido e Felício Crateús derrubaram na propriedade do Sr. Olavo 60 braças de cêrca, alegando que a mesma avançava em sua propriedade. Prolongaram a polêmica que terminou em luta corporal. No entanto, sabe-se que o Dr. Olavo foi

¹⁰ “Ex-Prefeito Morto a Faca em Crateús”. *Gazeta de Notícias*. Antônio Drumond (1882-1930). Ano XLIII. Nº 12.185. 3 de setembro de 1969, p.1. Fortaleza-CE. Autor desconhecido.

atingido por 5 profundas facadas, tendo morte imediata. Colhemos ainda através do Serviço Estadual de Radiocomunicação que a briga teve início quando Dr. Olavo foi informado pelo seu vaqueiro da derruba da cerca, dirigindo-se imediatamente para sua Fazenda de nome Xavier. Lá chegando, encontrou-se com os seus dois vizinhos de terra. Iniciaram a discussão e o Dr. Olavo vendo que o caso era de vida ou morte sacou de seu revólver e disparou três tiros contra José Cândido, atingindo-lhe de raspão. Nesta oportunidade Felício Crateús aplicou-lhe 5 profundas facadas, postando-o ao chão sem vida.¹¹

A individualidade do médico foi deixada de lado para que a imagem do santo martirizado fosse construída, e na exposição da morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso foi propagada a sua origem nobre, característica básica na descrição hagiográfica do santo. Segundo Michel de Certeau, a utilização da origem nobre (conhecida ou oculta) não é senão um sintoma da lei que organiza a vida do santo. (2006, p. 273)

A derrubada da cerca pelos vizinhos da Fazenda Xavier foi assunto sempre relatado pelo vaqueiro Zuza ao médico que, por sua vez, ordenava-lhe, segundo as narrativas, que a colocasse no seu lugar de origem.

Naquela tarde de 2 de setembro de 1969, a notícia repetida ao Dr. Olavo Cavalcante Cardoso acarretou outra atitude. O médico teria seguido para a Fazenda Xavier. O vaqueiro aconselhara-o a levar consigo a polícia, conforme nos relatou o senhor Márcio Campina: “– Leve a polícia lá. Aí o Doutor Olavo teria dito essa frase pro vaqueiro Zuza: – Minhas coisas quem resolve sou eu. Não precisa de polícia não”.¹²

Logo após, “[...] por volta das 10 horas daquele dia, Olavo alugou uma camioneta Rural, pertencente ao conhecido motorista de praça, Flor, e juntos seguiram para o lugar Xavier [...]”.¹³ O Dr. Olavo Cavalcante Cardoso levou consigo “[...] uma bereta, [...] espécie de pistola [...] automática [...]”.¹⁴

¹¹ “Com cinco facadas assassinado médico e ex-prefeito de Crateús”. *Tribuna do Ceará*. Ano XII. Fortaleza-CE, 3 de setembro de 1969. Nº 4.911, p. 12.

¹² CAMPINA, Márcio.

¹³ “Crateús de Ontem. OLAVO CAVALCANTE CARDOSO”. *Gazeta do Centro-Oeste*. Publicação online. 02/09/2012. Site: gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/. Autor desconhecido.

¹⁴ CAMPINA, Márcio.

O Dr. Olavo Cavalcante Cardoso estava “[...] na presença do vaqueiro. Ele não podia fazer nada, tava desarmado”,¹⁵ assegurou o senhor Márcio Campina, apesar de a *Gazeta do Centro-Oeste* ter assegurado que o médico fora sozinho à Fazenda Xavier:

Segundo comentários, por falta de acesso, o carro não tinha como chegar até a casa dos litigantes, motivo porque, armado e a pé, seguiu até lá. Não houve conversa, e sim uma discussão entre o médico e os seus desafetos. [...] O motorista, que ficou no lugar onde estava o carro, ouviu alguns disparos de arma de fogo e, em seguida, a notícia de que Dr. Olavo recebera seis facadas.¹⁶

Após o confronto, o Dr. Olavo Cavalcante Cardoso “[...] foi colocado no carro e, ainda vivo, foi transportado para Crateús, porém não resistiu e morreu na localidade de Grota, próximo ao açude municipal, distante três quilômetros da cidade”.¹⁷ A descrição da morte do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso aflora o mártir cristão naquilo que ele tem de vítima imolada: a desigualdade da luta conferiu a dignidade ao morto. (MILLIET, 2001, p.143-144)

Os jornais da Capital, *Gazeta de Notícias e Tribuna do Ceará*, foram enfáticos ao informar que o médico morreu na Fazenda Xavier. Entretanto, há divergências, quanto à notícia acima. A senhora Maria do Socorro Monte relatou, em entrevista, ser a proprietária do lugar onde o médico passou seus últimos instantes:

Trouxeram ele, o motorista [...] butaram lá no carro, em cima, porque ele ainda não tava morto [...] até falou no caminho. Quando chegou lá no terreiro da minha casa, aí pararam o carro e ele acabou de morrer. Ficou bastante sangue derramado no chão. Eu não vi, que eu não morava lá naquele tempo. O pessoal disse que ele ainda disse assim: – tantas vidas que tinha salvado e agora ia morrer sem ajuda. Morreu novo.¹⁸

¹⁵ Idem.

¹⁶ “Crateús de Ontem. OLAVO CAVALCANTE CARDOSO”. *Gazeta do Centro-Oeste*. Publicação online. 02/09/2012. Site: gazetacrateus.com.br/v2010/cultura/crateus-de-ontem-46/. Autor desconhecido.

¹⁷ Idem.

¹⁸ BARBOSA, Maria do Socorro Monte.

A frase sensibilizou os ouvintes que ficaram ainda mais compadecidos do falecimento do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso. As palavras suplicavam por piedade e denunciavam que o agonizante discordava daquele.

O sentido atribuído à frase do Dr. Olavo Cavalcante Cardoso era que o médico merecia ser salvo. Se a salvação do corpo e da vida foi impossibilitada pelos ferimentos das facadas, ela viera através de sua santificação popular. A própria frase foi utilizada como comprovação do rito de passagem do homem para o santo. Ouvimos, informalmente em Crateús, que “ele não podia ter mais força para dizer aquilo, tava muito ferido; se ele falou, foi porque já era santo, ele já tinha se santificado”. A morte trágica suplicava por piedade: “Todo mundo ficou com muita dó, porque foi muita crueldade, Ave Maria!”.¹⁹

¹⁹ BATISTA, Cleomar Ferreira. 49 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 05/04/2013, em sua residência no bairro Cachoeira, em São Benedito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADO, Janaína. *O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em história oral*. In: *História*. São Paulo, 14, 1995.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Tradução de Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro. 2003.
- BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1982.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo*. Prefácio de José de Sousa Martins. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Revisão técnica de Daniel Aarão Reis Filho. Bauru: Edusc, 2004.
- CAILLOS, Roger. *O Homem e o Sagrado*. Edições 70. Lisboa, s/d. CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FREITAS, Eliane Tânia Martins de. *Memória, Ritos Funerários e Canonizações Populares em Dois Cemitérios no Rio Grande do Norte*. 2006. 211f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada* — São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de madeira: nove reflexões sobre a distância*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.
- LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento”. In: _____. *História e Memória*. Tradução de Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2003. Cap. 10.
- MAIA, Michelle Ferreira. *Lembrança de Alguém: A construção das memórias sobre a*

santidade de João das Pedras. Fortaleza - CE: Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará. 1ª ed., 2010.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A História, cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. In: __. *Rev. Inst. Est. Bras.*, SP, 34:9-24, 1992. p.9-23.

MILLIET, Maria Alice. *Tiradentes: O corpo do herói*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 160-162.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Os Sete Pecados da Capital*. São Paulo: Hucitec, 2008. ISBN 978-85-60438-80-8.

PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na História Oral. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Org.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004. p. 300.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Unijuí, 1998.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SÁEZ, Oscar Calavia. *Fantasmas falados: mitos e mortos no campo religioso brasileiro*. Campinas: Ed. Unicamp, 1996.

SAMUEL, Raphael. Teatros da memória. *Projeto História*. p. 42. São Paulo, n. 14, fev. 1997.

SCHNEIDER, Marília. *Memória e história* (Antoninho da Rocha Marmo). São Paulo: T. A. Queiroz, 2001.

SEIXAS, Jacy Alves. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org). *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004. p.42-45.

TÁVORA, Franklin. *O Cabeleira*. Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].

VALLADARES, Clarival do Padro. *Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

VALENSI, Lucette. *Fábulas da memória: a batalha de Alcácer Quibir e o mito do*

sebastianismo. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

VIEIRA, Antônio. *Sermão do Bom Ladrão*. São Paulo: Principio, 1993.

VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou “O trabalho de Luto”*. Tradução de Aline Meyer e Roberto Cattani. São Paulo: Editora Unesp, 2010.